



FACULDADE DE ENSINO  
TEOLÓGICO

# ESPIRITUALIDADE



*35º Matéria*

Pr Gilmar Itália

CNPJ: 35.712.730/0001-08

# ESPIRITUALIDADE

## O DESAFIO BÍBLICO DA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ

### *POR UMA TEOLOGIA MAIS ESPIRITUAL*

Precisamos de uma teologia que nos desperte para um relacionamento pessoal e verdadeiro com Deus. Em outras palavras, uma teologia e uma linguagem teológica que nos aponte o caminho da oração; que nos conduza e inspire a “amar a Deus de todo coração, alma e entendimento”; que seja mais pessoal, afetiva e comunitária, e não apenas acadêmica.

É lamentável constatar que muitos estudantes de Teologia que entram para um seminário motivados por um profundo amor por Deus e desejo de servir, depois de quatro ou cinco anos de estudo saem mais cínicos em relação a Deus e à Igreja, orando menos, afetivamente atrofiados e mais limitados, em termos relacionais, que ao entrarem.

Por que o lugar de formação teológica não é, também, o lugar de formação espiritual? Por que a relação entre a profundidade acadêmica e teológica e a profundidade espiritual e devocional permanece, para muitos, inconciliável? Certamente não cumpre com seu papel uma teologia que não nos motive à oração; que não nos desperte para amar ao Deus Triúno da graça e a sua Palavra de todo coração, alma e mente; que não nos torne mais compassivos e afetuosos para com o próximo; que não nos faça compreender e discernir o pecado e nos conduza ao arrependimento e à confissão, que não nos envolva comunitariamente; e que não nos leve a ter sede e fome de justiça.

Deus nos chama para participar da eterna comunhão que o Pai, o Filho e o Espírito Santo gozam. Jesus nos apresenta este convite em sua oração sacerdotal, quando suplica, dizendo: “A fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos” (Jo 17:21-22).

Este relacionamento é a razão primeira e última da Teologia. Todo o esforço da Igreja, todo o labor teológico, toda a eficiência do discipulado devem, em última instância, nos conduzir à comunhão trinitária. Quando perguntaram a Jesus qual era o maior de todos os mandamentos, sua resposta apontou para uma dimensão relacional e afetiva: “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao

próximo como a nós mesmos.” Este era o fim da Teologia, a razão de ser dos mandamentos e das profecias. O apóstolo João nos dá a resposta mais simples e, ao mesmo tempo, mais profunda sobre o conhecimento de Deus. Ao afirmar que “Deus é amor”, ele define a natureza pessoal e relacional do Deus Bíblico.

**Uma teologia mais espiritual deve ocupar-se com a conversão integral, e não somente com a conversão das convicções.**

Para a mentalidade racional e cartesiana, o que importa é a conversão das convicções, do pensamento ou das crenças.

É certo que a conversão pressupõe uma mudança de convicções, mas, seguramente, implica muito mais que isto. Julia Gatta, escrevendo sobre o pensamento de Walter Hilton, cristão que viveu na Inglaterra no século XIV, mostra sua preocupação com o que chamava “conversão das emoções”. A totalidade do ser está envolvida no processo de união com Cristo.

Tanto nossa mente como nossos sentimentos precisam caminhar em direção à conversão, à progressiva purificação e, finalmente, à transformação. A renovação intelectual, se não é mais fácil, no mínimo é um assunto relativamente mais simples comparado com a redenção da afetividade. A emoção, especialmente a emoção religiosa, é um fenômeno complexo.

O fruto do Espírito não pode ser igualado a um simples “sentir-se bem” [...] Como em todos os outros aspectos da natureza humana, a afetividade precisa ser interpretada, disciplinada e, finalmente, redimida.

O racionalismo preocupou-se com as convicções. A psicanálise veio nos mostrar que a fé apresenta uma complexidade emocional e psíquica maior que imaginamos. C.S. Lewis já dizia que a fé está muito mais relacionada às emoções que à razão.

Sabemos que a conversão envolve a totalidade da vida, como o pecado e a queda corromperam todos os aspectos da existência humana. No entanto, a herança iluminista destacou a conversão das convicções como sendo a experiência cristã por excelência.

Para muitos, a conversão significa apenas uma mudança de mentalidade religiosa. Contudo, quando olhamos para os evangelhos e, particularmente,

para os encontros de Jesus, percebemos que o foco do Mestre não estava apenas nas convicções, mas na gramática da vida.

Um exemplo claro dessa preocupação está no encontro de Jesus com o “jovem rico”. Ele se apresenta como uma pessoa de convicções claras e sólidas.

Desde a infância, aprendera e guardara os mandamentos mas, para Jesus, faltava-lhe algo fundamental: amar a Deus e ao próximo de todo coração — um amor que o libertaria da tirania de seu egoísmo.

Outro encontro que nos ajuda a entender a totalidade da conversão foi o de Jesus com o publicano Zaqueu.

Em sua conversa reservada com o Mestre, Zaqueu responde não com um conjunto de declarações confessionais e dogmáticas sobre a fé, mas com um gesto que deixa claro para Cristo que ele compreendera a natureza do Evangelho da salvação.

Jesus estava mais atento à gramática da vida que declarações apenas formais, racionais e dogmáticas da fé.

Precisamos da Teologia, e veremos isto mais adiante, mas precisamos também integrar a Teologia com a vida. Para isso, ela precisa ser mais espiritual. Não significa espiritualizar a Teologia, mas reconhecer sua pessoalidade e o significado da encarnação na pessoa de Cristo.

A encarnação tira a Teologia da prateleira e a coloca no coração, na mente, nos relacionamentos, na vida, nas decisões, nos afetos, nas paixões, nas escolhas, enfim, em tudo. Tornar a Teologia mais espiritual é torná-la mais pessoal, mais comunitária, mais missionária.

### **Uma teologia espiritual deve valorizar mais a santidade e a sabedoria.**

O mundo moderno produziu intelectuais brilhantes; o pós-moderno vem produzindo técnicos extraordinários. No entanto, em ambos perdemos o lugar do sábio ou do santo. É curioso notar que o santo do passado foi substituído pelo teólogo ou pelo especialista do presente.

O mundo moderno, ao reconhecer como verdadeiro apenas o que é racional, acabou negando o lugar da sabedoria e a importância do “santo”, valorizando mais o cientista e o intelectual. Já o mundo pós-moderno, diante dos avanços tecnológicos e suas ferramentas, que criam as possibilidades e a

funcionalidade, valorizou mais o “fazer” que o “ser”, invertendo a contemplação pela ação, e trocou a sabedoria pela tecnologia.

Temos hoje ferramentas técnicas para fazer uma igreja crescer, para organizar um programa de discipulado em cinco ou dez lições (dependendo da disposição do freguês), para tornar um casamento feliz e bem-sucedido, para melhorar o desempenho sexual, para fazer do pastor um ministro de sucesso etc.

Os recursos tecnológicos para a adoração ou para criar amigos apenas mostram quanto temos nos tornado tecnocratas impessoais e alienados, pragmáticos obcecados com o resultado e a funcionalidade. O “santo” ou “sábio” era alguém que, além de dominar a ciência, possuía também o discernimento das complexidades da alma humana, das estruturas sociais, e permanecia mais preocupado com a pessoa que com seus papéis, mais envolvido com o ser que com suas funções ou seu sucesso. Agostinho falava do “duplo conhecimento”: o conhecimento de Deus e de nós mesmos.

Ele escreve em seus Solilóquios: “Permita-me conhecer a ti ó Deus, permitame conhecer a mim, isto é tudo.” Para Agostinho, conhecer a Deus implicava conhecer-nos. O conhecimento de Deus e o autoconhecimento eram inseparáveis, dando ao teólogo sabedoria capaz de penetrar nos mistérios de Deus e nos mistérios da alma humana.

Entretanto, uma teologia que nos leva a conhecer apenas a Deus, e cujo conhecimento não nos leva de volta ao discernimento da própria alma, deixa de ser revelação para ser apenas uma ciência. Jesus foi um Mestre que não apenas expunha as Escrituras e revelava a natureza do Pai, mas desnudava o espírito humano e revelava os segredos mais íntimos do coração.

Jesus era um santo, um sábio, um mestre, um mentor. Uma teologia mais espiritual despertará em nós um desejo por Deus que não será medido apenas pelo volume de livros que lemos, nem pela quantidade de teses publicadas ou 3 graus adquiridos, mas será determinado pela sabedoria que a vida em Cristo, alimentada e inspirada pelas Sagradas Escrituras e conduzida pelo poder do Espírito Santo, nos fornece.

A partir de Cristo, podemos perguntar: quem é o verdadeiro teólogo? Aquele que defendeu uma brilhante tese de doutorado, escreveu o melhor livro e estudou nas melhores escolas? Ou aquele que, em Cristo, dá sentido à vida

confusa e desestruturada das pessoas? Precisamos recuperar o lugar da santidade e da sabedoria na Teologia. A esterilidade da academia precisa dar lugar à compaixão, ao envolvimento pessoal, à devoção e à comunhão. É curioso notar que muitos teólogos abandonam ou trocam o pastorado, seja ele institucional ou não, pela academia devido a sua incapacidade de se relacionar com as pessoas, ou mesmo consigo. A consequência é o cinismo, fortemente presente nas instituições teológicas.

### **Uma teologia espiritual deve ser mais contemplativa.**

Segundo Eugene Peterson, temos uma tendência a olhar para a vida com a ótica jornalística. Buscamos o grande, valorizamos o extraordinário, exaltamos o glamoroso. A espiritualidade pós-moderna é assim: glamorosa e pragmática. O conceito de “bênção” tornou-se sinônimo de sucesso, grandes experiências, acontecimentos fantásticos. Só se reconhece como verdadeiro aquilo que é pragmático. Na cultura moderna, não há espaço para a contemplação.

A visão jornalística e pragmática da realidade é um fenômeno pós-moderno. Queremos igrejas grandes e funcionais, ministérios bem-sucedidos e técnicas de marketing poderosas. A presença de Deus na vida não é reconhecida pela comunhão, pela amizade e pela adoração, mas pela capacidade produtiva, pelas experiências fantásticas, pela saúde física e pelo sucesso econômico. As páginas dos evangelhos e as melhores tradições cristãs, no entanto, nos ensinam que a graça de Deus é dinâmica.

Ela atua nos acontecimentos simples e rotineiros do dia-a-dia. Precisamos de uma teologia que nos ajude a perceber e a valorizar aquilo que Deus está realizando em nós, e não somente aquilo que fazemos para o Senhor. Uma teologia que nos ensine a valorizar o invisível e o intangível. A contemplação e a imaginação sempre ocuparam um lugar fundamental na formação espiritual do povo de Deus.

Grande parte do ensino de Jesus deu-se através de parábolas e histórias que levavam as pessoas a imaginar a riqueza do Reino de Deus e o propósito da redenção. Os lírios do campo, as aves do céu, a casa sobre a rocha, a videira ou a ovelha perdida são imagens que nos convidam à contemplação, e não à formulação matemática da fé. O apóstolo Paulo, diante das dificuldades, perseguições e tribulações que enfrentou em seu ministério, não se deixou abater pelas lutas reais e visíveis. Pelo contrário, preferiu manter os olhos

fixos “naquilo que não se vê, porque aquilo que se vê é temporário, mas o que não se vê é eterno”.

Para ele, havia uma realidade não visível, mais verdadeira que as realidades visíveis. Por causa da contemplação, ele não se deixou abater pelas dificuldades visíveis. O livro do Apocalipse é um conjunto de visões e imagens que fortalece a fé e revigora a esperança quando nos deixamos absorver por ele. Um dos grandes erros que muitos teólogos cometeram foi o de tentar decifrar os supostos enigmas por trás das imagens que revelam nossa mentalidade cartesiana e a incapacidade de lidar com a poesia. G.K. Chesterton disse certa vez que “São João, o evangelista, viu muitos monstros estranhos em sua visão, mas nenhuma criatura foi tão grotesca quanto seus críticos”.

A contemplação nos permite reconhecer e valorizar o pequeno e o singelo. O salmista percebe o valor das coisas pequenas e simples ao dizer: “Senhor, não é soberbo o meu coração, nem altivo meu olhar; não ando à procura de grandes coisas, nem de coisas maravilhosas demais para mim. Pelo contrário, fiz calar e sossegar a minha alma; como a criança desmamada se aquieta nos braços de sua mãe, como essa criança é a minha alma para comigo” (Sl 131:1-2). Para ele, libertar-se da ótica jornalística e pragmática é reconhecer a presença de Deus no seu dia-a-dia, experimentar o descanso da alma, provar o sossego da confiança de quem aprendeu a crer no cuidado divino, perceber o poder de Deus, seja num evento extraordinário ou em outro, singelo e discreto. É isto que significa um “ser espiritual”.

### **Uma teologia espiritual requer também uma reforma na linguagem.**

A linguagem teológica, pela forte influência que recebeu do iluminismo, é acadêmica e técnica. É curioso notar que grande parte da Bíblia trabalha com uma linguagem poética ou narrativa. Uma linguagem que comunica a graça de Deus de forma pessoal e toca nas necessidades mais íntimas da alma. Jesus foi um exímio contador de histórias.

Suas parábolas, muitas vezes sem nenhum traço de linguagem religiosa, ou sequer tocar no nome de Deus, levavam os ouvintes à profunda reflexão pessoal e à necessidade de uma resposta igualmente pessoal. Da mesma forma, as conversas de Jesus eram sempre de natureza bastante pessoal e profunda. Ao invés de dar respostas prontas, ele levantava mais perguntas. Não se preocupava em apresentar receitas espirituais ou teológicas, mas sempre procurava tocar nos pontos mais centrais da vida e da fé.

O apóstolo Paulo, da mesma maneira, sempre procurou uma forma pessoal de comunicar a verdade do Evangelho. Optou por “orgulhar-se” de suas fraquezas, ao invés de vangloriar-se nas grandezas das revelações que havia recebido de Deus.

Conhecemos sua teologia através de cartas pessoais que escreveu a amigos e igrejas. Escrevendo a Timóteo, seu filho na fé, Paulo recomenda que não apenas lembre o que aprendeu, mas sobretudo “de quem” aprendeu. A figura de quem ensina é fundamental na memória de seu filho na fé. Vemos, portanto, que o apóstolo priorizava o pessoal sobre o técnico.

Não se trata de reduzir ou simplificar, e muito menos de desconsiderar a importância do estudo e da investigação responsável, acadêmica e técnica. Sempre lutamos contra a preguiça intelectual e contra aqueles que insistem numa espiritualidade sem raízes e sem teologia.

No entanto, precisamos reconhecer que há outra linguagem que fala ao coração, e não apenas à mente. Esta linguagem promove e convida à intimidade mais pessoal, mais comunitária e mais viva. Ao referir-se ao “maior mandamento”, Jesus afirma que nosso amor por Deus deve nos envolver por inteiro: alma, força e entendimento. Amar é conhecer. Não se pode conhecer a Deus simplesmente com boas informações sobre ele. O conhecimento de Deus e a comunicação deste conhecimento requerem um relacionamento pessoal com ele e com aqueles a quem esta verdade é comunicada.

## **UMA ESPIRITUALIDADE MAIS TEOLÓGICA**

Necessitamos de uma teologia mais espiritual, que se ocupe do ser humano de maneira integral, que afirme a santidade da vida e do ministério, que resgate uma linguagem mais pessoal e afetiva. Entretanto, também carecemos de uma espiritualidade mais teológica, que estabeleça fronteiras, que defina os contornos e que firme os fundamentos. Reconhecemos que há um protesto do espírito humano, uma busca pelo íntimo, pelo sagrado, por um significado que transcenda nossas narrativas racionais, que penetre e toque a alma humana. No entanto, reconhecemos também que há uma onda espiritual, uma forma de espiritualismo na cultura, fortemente narcisista, fundamentada na psicologia moderna e antropologia egocêntrica. Esta onda não tem recursos para preencher as lacunas do homem criado à imagem e à semelhança de Deus. Por uma espiritualidade mais teológica, reconhecemos algumas necessidades.

## **Uma espiritualidade trinitária.**

A doutrina da Trindade é o fundamento para a espiritualidade cristã e teologicamente bíblica. Ela nos revela um Deus que nos convida a participar da comunhão que o Pai, o Filho e o Espírito Santo gozam desde toda a eternidade.

Ao ser formados à imagem e à semelhança de Deus, fomos criados para a comunhão trinitária. Em sua “oração sacerdotal”, Jesus diz: “Para que sejam um, como és tu ó Pai em mim e eu em ti, sejam eles também em nós.” O convite de Jesus é para que a comunhão que o Filho e o Pai gozam seja também compartilhada por aqueles que, em Cristo, foram reconciliados com Deus pelo poder do Espírito Santo. 5 É por meio da doutrina da Trindade que entendemos a natureza do novo ser em Cristo. Nossa identidade, a partir da revelação da Trindade, é relacional, e não funcional. Não é o que fazemos que define nossa pessoa, mas o que somos a partir de nossos relacionamentos com Deus e com o próximo. Somos aquilo que amamos.

A Trindade cria em nós o ser eclesial e nos faz compreender que a conversão é a transformação do “eu” num glorioso “nós”. A revelação da doutrina da Trindade também nos ajuda a compreender o significado do conhecimento. Os pais da antiga Capadócia diziam: “O ser de Deus só pode ser conhecido através de relacionamentos pessoais e do amor pessoal. Ser significa vida, e vida significa comunhão.” Não há conhecimento possível do Filho sem a participação do Pai; nem há possibilidade de conhecimento do Pai sem a revelação do Filho. Se não entendemos a comunhão no ser trinitário de Deus, não podemos conhecer a Deus. “Foi desta maneira que o mundo antigo ouviu pela primeira vez que é a comunhão que forma o ser; que nada existe sem ela, nem mesmo Deus” (John Zizioulas).

É a doutrina da Trindade que nos preservará dos riscos de uma espiritualidade que não contemple a natureza do Deus criador, redentor e santificador. É a doutrina da Trindade que nos guardará de um deus que pode ser conhecido sem a mediação de Cristo. O Deus bíblico não é qualquer deus, mas o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. Sem uma gramática trinitária, toda teologia torna-se extremamente vulnerável e gera uma espiritualidade sem nenhum fundamento bíblico e cristão.

## **Uma espiritualidade cristocêntrica.**

O propósito da espiritualidade cristã é nosso crescimento em direção a Cristo — em outras palavras, ser conformados à imagem de Jesus Cristo. Não se trata de ajustamento sociológico ou psicológico, de sentir-se bem emocional ou socialmente, mas de um processo de crescimento e transformação. A espiritualidade da cultura moderna, por ser mais individualista e, conseqüentemente, mais narcisista, mudou o foco da espiritualidade cristã; ao invés de sermos convertidos a Cristo, é Cristo que se tem convertido a nós. Perdemos o significado da doutrina da imago Dei, a consciência de que fomos criados por Deus e para Deus, e que somente nele encontramos significado para nossa humanidade corrompida. Para Paulo, isto significa caminhar em direção à perfeita varonilidade, à medida de estatura de Cristo.

Encontramos em Cristo a expressão plena de nossa humanidade. Convertermos a ele significa ter nossos pensamentos e caminhos transformados, nossa humanidade restaurada, nossa dignidade redimida para viver a nova vida em Cristo. Paulo nos afirma que a verdadeira vida encontra-se oculta em Jesus e, por esta razão, devemos buscar e pensar nas coisas do alto, onde Cristo vive. O fim da espiritualidade cristã está numa humanidade madura e completa em Cristo. Outra preocupação é o risco da cultura espiritualista tirar a divindade de Cristo, reduzindo-o à categoria de Ghandi, de Buda ou de outro personagem da humanidade. A globalização resiste à idéia do sacerdócio único de Cristo.

O ser pós-moderno não aceita viver sob a verdade de que Cristo é “o caminho, a verdade e a vida”, e que ninguém vai ao Pai a não ser por meio dele. Esta realidade única de Cristo é inaceitável na cultura pós-moderna. Desta forma, Jesus passa a ser apenas uma boa pessoa, que nos deu exemplo de como ser pessoas igualmente boas, mas nada muito além do que outros também fizeram. Contudo, uma espiritualidade mais teológica requer da Igreja a afirmativa da mediação única de Cristo: sem ele, ninguém conhece o Pai, nem pode ser salvo. Precisa, da mesma forma, afirmar a centralidade da cruz e da ressurreição na experiência cristã de reconciliação, perdão e comunhão com Deus

## **Uma espiritualidade comunitária.**

Uma vez que a natureza de Deus é relacional, assim é também a natureza da pessoa regenerada em Cristo. A conversão é a transformação do indivíduo em pessoa. O indivíduo é o ser encapsulado em si mesmo, que se realiza na autopromoção.

É narcisista, concebe a liberdade apenas em termos de autonomia e independência, e reconhece como verdadeira apenas sua realidade limitada. A pessoa é o 6 ser em comunhão, que se realiza nas relações de afeto e amizade. É altruísta, concebe a liberdade em termos de entrega, obediência e amor doado, e se abre para a revelação que encontra fora de si mesmo.

Esta nova pessoa em Cristo recebe o outro da mesma forma como em Cristo é recebido, e nesta nova dinâmica a Igreja deixa de ser um clube religioso, no qual cada um faz o que quer e como quer, e escolhe suas amizades de acordo com os interesses pessoais, para se transformar numa verdadeira comunidade de irmãos e irmãs que se doam mutuamente numa experiência real de aceitação e comunhão. Nossas relações deixam de ser determinadas pelas ideologias ou pelos projetos comuns, e passam a ser construídas dentro da esperança escatológica.

O Credo Apostólico afirma nossa crença em Deus Pai, Criador de todas as coisas; em seu Filho Jesus Cristo, nosso Salvador; no Espírito Santo; na remissão dos pecados; na ressurreição; na vida eterna... e na Igreja. Ela faz parte das convicções básicas do Credo. Da mesma forma como precisamos crer em Deus Pai, Filho e Espírito Santo, precisamos crer também na Igreja como ambiente de comunhão dos salvos em Cristo.

Ela é a comunidade do Reino que dá visibilidade ao que Cristo fez em sua obra redentora no mundo. Crer na Igreja envolve muito mais que reconhecer a necessidade de participar de sua missão. Significa reconhecer que fomos salvos e constituídos como povo de Deus, um “reino de sacerdotes”, o “Corpo de Cristo”, a fim de testemunhar a glória de Deus na história. Uma espiritualidade mais teológica precisa afirmar a Igreja como comunidade daqueles que têm Cristo por seu Senhor.

## **Uma espiritualidade centrada na Palavra de Deus.**

Mais uma vez: o propósito da espiritualidade cristã é nosso crescimento em Cristo. É o processo de nossa transformação pela Palavra de Deus, participando cada vez mais da vida em Cristo. O apóstolo Paulo afirma que, sendo ressuscitados com Cristo, temos nossa vida oculta nele. Portanto, a vida espiritual não é um processo de ajuste aos valores sociais dominantes, mas um caminho que envolve crise e transformação, no qual a tensão entre a Palavra de Deus e o mundo estarão sempre presentes.

Essa tensão se dá através de dois movimentos: o primeiro é o confronto entre a Palavra de Deus e a ordem social, moral e religiosa dominantes.

Sabemos que a leitura e a meditação nas Sagradas Escrituras nos consola, edifica e conforta, mas também nos desafia, provoca e confronta. Este confronto exige um diálogo constante entre a Palavra de Deus e o mundo em que vivemos.

Paulo escreve aos romanos, rogando para que não se conformem com o mundo, mas sejam transformados pela renovação da mente. Em outra ocasião, ele fala da necessidade de termos a “mente de Cristo”, ou seja, pensarmos com os mesmos critérios, valores e princípios de Cristo.

O segundo movimento é o confronto entre a Palavra de Deus e nosso mundo interior. Todos nós trazemos lembranças, memórias e imagens do passado que nos turvam a compreensão de Deus e de nós mesmos. São sentimentos negativos de abandono, medo e solidão que formam em nós uma autoimagem igualmente negativa de inadequação e rejeição — que, por sua vez, compromete nossa imagem de Deus.

Carregamos conosco mágoas, ressentimentos, invejas e ciúmes que nos induzem a usar Deus, ao invés de nos dispormos a ser usados por ele.

Eles provocam uma relação confusa e manipuladora, ao invés de uma entrega serena e confiante. É preciso deixar a Palavra de Deus iluminar nosso mundo interior, transformá-lo em Cristo, restaurar nossa vida à imagem de Deus e resgatar a imagem do Deus revelado em Cristo Jesus.

A Bíblia, como instrumento de transformação e crucificação, exige de nós uma aproximação devocional. Reverência e silêncio são posturas básicas de quem deseja ser consolado, confrontado e transformado. É ela quem estabelece o diálogo entre nós e o mundo — seja o mundo exterior seja o interior — e nos transforma em Cristo.

Uma espiritualidade que não leva em conta as Escrituras pode até começar com boas intenções, mas certamente terminará em grande crise e confusão pelo simples fato de negar a revelação de Deus a nós. Não somos nós que determinamos a natureza divina: é o próprio Deus quem toma a iniciativa de se revelar a nós. E o faz por meio de sua Palavra.

## **Uma espiritualidade missionária.**

A Igreja não tem uma missão própria. Ela participa na missio Dei. Como o ser da Igreja está atado ao ser de Deus, a missão da Igreja também está vinculada à missão de Deus. No Evangelho de João vemos Cristo afirmando que não tem uma palavra, um juízo ou uma missão sua, mas que, da forma como ouve, ele fala; da maneira como o Pai julga, ele julga. Ele também afirma que sua comida e sua bebida consistem em fazer a vontade do Pai e realizar sua obra. Oração e missão caminham sempre juntas.

Oramos para que nossos caminhos sejam convertidos nos caminhos de Deus, para que nossos pensamentos sejam transformados em seus pensamentos, para que nossos conceitos de justiça, direito e verdade sejam conformados com os de Deus. A tentação no deserto foi uma experiência definidora da vocação e da missão de Jesus.

Sua rejeição aos caminhos propostos por Satanás que, segundo Henri Nouwen, apontam para o imediato, o mágico, o popular e o espetacular, apresenta uma nova forma de ver a missão e realizar a obra de Deus. Jesus rejeita as alternativas que derivam do poder para abraçar um projeto que nasce da graça e se encarna no amor de Deus para com o ser humano.

Não há como separar a espiritualidade de Jesus de sua missão. Num dos momentos mais críticos de sua vocação, Jesus diz a Filipe e André: “Agora está angustiada a minha alma, e que direi eu? Pai, salva-me desta hora? Mas precisamente com este propósito vim para esta hora” (Jo 12:27).

A agenda de oração de Jesus foi determinada por sua vocação, e não pelas necessidades pessoais. Qualquer um, diante das angústias da alma, oraria para que fossem aliviadas, curadas, redimidas. Jesus, no entanto, sabe para quê veio, e reconhece que não é ele quem determina a pauta de suas orações. Então ora e diz: “Pai, glorifica o teu nome.”

Era a glória do Pai, o cumprimento de seu propósito, a missão que recebera dele que determinava sua oração. O objeto da oração de Jesus era a glória de Deus, não ele mesmo. Era a missão do Pai, não a sua. Uma espiritualidade mais teológica exigirá de nós uma clara consciência de chamado e vocação. Vivemos hoje o risco de uma espiritualidade intimista, desconectada da realidade, subjetiva, abstrata e com uma forte reação negativa ao cotidiano e ao ordinário.

Uma espiritualidade cristã está relacionada com a missão de Deus no mundo em sua obra redentora. Precisa ocupar-se em dar pão ao faminto, acolher o abandonado, vestir o nu, dar esperança ao enfermo, visitar os que estão presos e promover a justiça e a paz. Uma espiritualidade que não contempla a missão torna-se alienante e sem nenhuma relevância social. Em última análise, sem fundamento bíblico e histórico.

## **SITUAÇÃO DE RISCO**

Concluimos que o mundo pós-moderno produziu uma cultura mais subjetiva e mais aberta ao espiritual. Contudo, esta abertura não significa maior profundidade ou maior interesse na obra redentora de Cristo. Estamos entrando numa era em que a obra singular e exclusiva de Cristo no Calvário — e conseqüentemente a espiritualidade cristã — encontrará a mais forte rejeição, talvez mais forte que aquela que a Igreja e os cristãos sofreram nos primeiros séculos.

Certamente, o conflito que a Igreja enfrentará na cultura pós-moderna não terá o caráter violento e sangrento de seus tempos primitivos, mas colocará o cristianismo na mesma situação de risco de outros tempos, com uma diferença que o torna mais perigoso e complexo: a nova geração de cristãos provavelmente não terá a mesma disposição para o sofrimento e o martírio que outras tiveram em tempos de crise. Uma característica da cultura pósmoderna é seu caráter inclusivo.

Isto significa que a aceitação de outras formas de estrutura familiar, de outras expressões religiosas e de outros estilos de vida tornaram-se exigências da nova consciência cultural. Para ser pós-moderno é preciso ser “aberto” e aceitar todas as formas de diversidade sexual, cultural, religiosa e social. Como disse o dr. James Houston, “vivemos hoje o novo fundamentalismo da democracia liberal”.

A democracia liberal exige uma atitude inclusivista radical que representa um grave desafio à espiritualidade cristã. A afirmação cristã da exclusividade de Cristo como único Salvador e Senhor — o que implica a rejeição de todas as outras formas de salvação e reconciliação com Deus — soar, no mínimo, estranha e agressiva à consciência pós-moderna.

Além disso, uma vez que vivemos uma profunda 8 quebra de princípios sociais e a relativização dos valores morais, a consciência de pecado está se tornando vaga e subjetiva.

Conseqüentemente, a necessidade de perdão, ou mesmo de um Salvador, torna-se irrelevante. Vemos, porém, uma grande massa de cristãos evangélicos com pouca ou nenhuma consciência de seu chamado histórico, superficiais na compreensão das grandes verdades bíblicas, buscando nas igrejas formas de entretenimento religioso, socialmente irrelevantes e teologicamente imaturos.

O futuro não parece ser muito promissor. O grande desafio que o cristianismo tem de enfrentar é o de afirmar a centralidade da morte e da ressurreição de Cristo na reconciliação do ser humano com Deus e na experiência espiritual, assim como a autoridade das Escrituras Sagradas tanto para a teologia como para a antropologia.

A espiritualidade cristã não pode se sujeitar aos modelos espirituais subjetivos e impessoais que temos hoje. Embora a meditação, a quietude e o silêncio façam parte da longa tradição espiritual do cristianismo, entrar num caminho subjetivo, buscando uma espécie de satisfação interior através de técnicas de meditação sem considerar todas as implicações teológicas e históricas da fé cristã, nos colocará numa posição extremamente frágil e vulnerável.

A espiritualidade de hoje requer profundo e sólido fundamento teológico e histórico. Deve, entretanto, rejeitar os modelos racionais e impessoais do passado. Portanto, nosso desafio é o de preservar uma espiritualidade mais teológica paralelamente a uma teologia mais espiritual.

Tanto a mente quanto o coração precisam estar plenamente envolvidos na experiência cristã. Vivemos um momento de grandes desafios, mas também de grandes oportunidades, pois nunca o cristianismo foi tão provocado em sua relevância e em sua pessoalidade quanto nos dias atuais.

Aquilo que era dado como certo, por contar com o aval de uma cultura cristã, hoje já não tem a mesma garantia. Para ser dado como certo, agora precisa mostrar sua relevância. A tarefa que temos pela frente é grande, e exigirá de todos nós firmeza e perseverança. A exortação para “vigiar e orar” é a que mais se adapta à realidade. De certa forma, precisamos orar com os olhos bem abertos, permanecer atentos ao que Deus está realizando e compreender as mudanças de nosso tempo.

## Fundamentos Bíblicos da Espiritualidade Cristã

experiência espiritual do Antigo Testamento, do povo de Israel, ou seja, do povo com seu Deus tem sua gênese em meio ao “cosmo-salvífico”, na presença supratemporal do Deus salvador, presente na origem da concepção do memorial hebraico, o locus primordial.

Prepara-se o caminho para fundar a consciência de Israel como “povo de Deus”. A divindade inatingível, desconhecida e distante se dá a conhecer. Neste momento uma etapa decisiva para o que definimos como revelação se desfecha, é o surgimento da experiência da salvação na história. A revelação só pode ser conceituada se estiver alicerçada na história. Portanto, os fatos e acontecimentos iluminam o significado da experiência do povo de Israel. A vida espiritual no Antigo Testamento envolve esses dois protagonistas, Deus e o povo. Narra fatos e experiências de idolatria, derrota, e frustração.

Uma história capaz de apresentar os elementos de um grande amor: alegria, tristeza, emoção, raiva, compaixão, medo, abandono, perdão e reconciliação.

Percebe-se a insistência da parte de Iahweh em revelar-se, tornar-se conhecido e estabelecer comunhão. É também perceptível a situação de um povo maravilhado com seu Deus, que tenta guardá-lo somente para si, expressando uma descabida vontade de monopolizar o sagrado, de possuí-lo exclusivamente (cf. Dt 4,5-8).

Uma relação que apresentou vários momentos paradoxais já que Israel conviveu muitas vezes com a apostasia. Dois são os conceitos fundamentais que brotam na história do povo de Deus no Antigo Testamento: “pecado” e “lei”.

Segundo a moral judaico-cristã clássica, pecar é cometer uma falta a alguém. Transgredir a lei de Iahweh, rejeitar sua aliança, assumir uma idolatria. A qual caracteriza a ruptura da aliança e o adultério em relação a ele.

O decálogo introduz uma nova noção de pecado, ou seja, amplia o significado, traz a concepção de “pecado social”, que atinge o próximo (cf. Dt 5, 1-22)

O pecado está dirigido ao homem, aquele que o comete está atingindo o próximo e o seu próprio ser, não apenas transgressão da lei ou postura idolátrica, mas dureza de coração, coexistência e promoção da injustiça

contra o próximo.<sup>88</sup> As raízes da espiritualidade de Jesus se encontram nas escrituras hebraicas<sup>89</sup>, na espiritualidade judaica.

Viveu em um mundo judeu, influenciado pela cultura grega emanante das cidades gregas mais próximas. Maior ainda era a força da globalização do Império Romano cada vez mais significativa na vida das pessoas.

Os ricos e poderosos: proprietários de terras, sumos sacerdotes, anciãos, a nobreza e os Herodes estavam assumindo a forma de viver e os princípios do mundo greco-romano, numa vida marcada pela corrupção e pelo luxo. Jesus revolucionou esse mundo.

O elemento fundamental do Novo Testamento é que nossa relação com Deus, o chamado à vida no espírito, não tem sentido senão em Jesus e por Jesus. Ele é o centro da espiritualidade cristã que aponta para a experiência do “Absoluto” à luz do Deus revelado através das suas palavras e ações. Jesus é o princípio de todos os dons de Deus, é a cabeça da comunidade dos chamados a participar da vida divina.

Através de seu agir humano nos abre para a relação e conhecimento do Pai, comunica-nos o Espírito, animador de toda a vida, hoje e sempre. O cristão encontra em Jesus a plena revelação de Deus, o caminho, a verdade e a vida (cf. Jo 14,6) e tem todas as dimensões da sua vida vividas a partir da fé, da esperança e na comunhão de amor que une Jesus ao Pai.

O Espírito divino revelado em Jesus conduz o ser humano sedento às profundezas de Deus, a estar repleto da sua plenitude e unido em comunhão com Ele e com toda a Sua criação. Não há como um cristão falar de espiritualidade sem partir do Espírito de Jesus.

Jesus é o “ungido do Senhor”, o messias, ele está sob o impulso do pneuma divino (cf. Mc 1,12; Mt 4,1; Lc 4,1). Na história de Jesus de Nazaré inicia-se um “tempo do Espírito”, kairós, uma abertura à relação com Deus jamais vista pelo homem. Nos evangelhos, a pessoa e a história de Jesus são eventos de comprimento escatológico onde o Espírito de Deus irrompe em plenitude no mundo.

O Espírito faz nascer a Igreja e através dela opera milagres (cf. At 2,4). Maravilhas e sinais da salvação, conversão do coração, perdão dos pecados, são momentos em que Deus infunde na Igreja o seu Espírito (cf. At 2, 38; 3,26; 4,12). Sua efusão em Pentecostes é o princípio da comunicação do

próprio Espírito que persiste em todos os tempos, guiando, cuidando, protegendo das intenções humanas e conduzindo os planos e decisões dentro da comunidade, a Igreja (cf. At 2,1-13).

Por sua ação, Jesus é a “Cabeça da Igreja, que é o seu Corpo” (cf. Ef 1,22-23). A participação na Igreja é comunhão com Cristo no Espírito, um espírito de unidade que transformou a comunidade em um grande família (cf. At 2, 42-47).

Igreja apostólica que manifesta dons (cf. 1 Cor 12, 12-31) na realização de vários ministérios, funções específicas, diversidade no mesmo Espírito. Após o Pentecostes, a vida cristã é caminhar, ser conduzido ou viver pelo Espírito (cf. Gl 5,13-25).

A Igreja nasce graças a presença de Cristo e por meio da sua presença, o novo povo de Deus, movido pelo dom que recebeu, possui um caráter missionário indelével. Aqui está a índole da Igreja, sua vocação, pois sua natureza está no pneuma.

A conversão, além de um novo tipo de comportamento, é o assentimento da fé na boa-nova de que afinal o Reino de Deus foi implantado por meio da encarnação do Filho de Deus.

Desta forma, perante a auto-revelação de Deus em Cristo, homens e mulheres, podem genuinamente se conhecer como carentes do perdão de forma gratuita. A relação com o próximo toma outras dimensões e coerentemente com o discurso, opta “preferencialmente” pelos marginalizados sociais, conforme a proclamação que fez de Is 61 em Nazaré, na sinagoga (cf. Lc 4).

O conceito de próximo se estende ao estrangeiro (cf. Lc 10, 25-27), ao inimigo e ao perseguidor (cf. Mt 5, 43- 48), ao pobre e ao indigente (cf. Lc 14, 12-14), às prostitutas (cf. Lc 7, 37ss), aos pecadores públicos e doentes (cf. Lc 6,20ss).

O Reino vem na direção do homem, causando-lhe o questionamento, se pertence ou não, se está pronto para recebê-lo, para suportar sua vinda e discernir seu mistério.

***“Quando o Filho do Homem vier [...] recebi por herança o Reino preparado [...] Pois tive fome e me destes de comer [...] todas as vezes que o deixastes de fazer a um desses pequeninos, foi a mim que deixastes de fazer” (cf. Mt 25, 31-46).***

Portanto, na espiritualidade desenvolvida nos sinóticos, Jesus está consciente de encontrar-se em um momento crucial da história, de ser o designado para oferecer aos homens o dom que Deus lhe concedeu de seu Reino e de ser o responsável pela acolhida favorável da parte dos homens ao oferecimento do Reino.

Dando o perdão aqueles que acolhem o anúncio, Jesus oferece a si mesmo em comunhão e à comunhão com o Pai e o Espírito.

Então o sentido último, a transcendência da espiritualidade do Reino nos sinóticos é a comunhão plena com Deus. Já o apóstolo Paulo, pode ser denominado de “teólogo do Espírito Santo” devido sua pneumatologia, e principalmente por apresentar a desafiadora proposta de comunicação com Deus constituída por um insueto e singular relacionamento pessoal com o Espírito Santo.

A relação não tem mais origem na prática da Torá, nem na perspectiva legista farisaica, mas na conversão a Cristo (cf. Rm 3, 21-22). A inovação da espiritualidade paulina reside em que a comunicação com Deus se dá agora fundamentada em uma “identificação mística” do crente com o seu Senhor.

A consciência de Paulo é absoluta sobre a existência de uma relação sobrenatural que regula a vida do cristão e forma uma íntima e profunda comunhão com a pessoa de Cristo em seus mistérios terrenos, uma incorporação do crente a Cristo, à sua pessoa, à sua morte e à sua ressurreição.<sup>101</sup> O Espírito torna a pessoa um membro de Cristo (cf. Rm 8,9; 1Cor 2,12; 1Ts 4,8). Por isso afirma na epístola aos Romanos:

***E se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos habita em vós, aquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos dará vida também a vossos corpos mortais, por meio do seu Espírito, que habita em vós (Rm 8, 11).***

A união com Cristo é mística, porque nos faz viver da mesma vida de Jesus morto e ressurreto, ou seja, do seu mistério pascal. Assim Paulo afirma: “[...] Fui crucificado com Cristo. Já não sou que vivo, mas é Cristo que vive em

mim. Minha vida presente na carne, eu a vivo pela fé no Filho de Deus” (Gl 2,19-20).

A fórmula “em Cristo Jesus” é sinônima de “Cristo em nós”, como também a expressão “por meio do Espírito” indica nossa inserção em Cristo. Esse intercâmbio – “Cristo em nós e nós em Cristo” que assinala a mesma realidade explica-se pela realidade de que o Espírito Santo que emana do Cristo ressuscitado tem como seu campo de atuação, a sua esfera dinâmica, a coletividade dos que se tornaram uma única personalidade com o Senhor, mediante o batismo.

Unidade funcional que faz do cristão e da comunidade um “templo do Espírito Santo” (cf. 1 Cor 3,16).

Para Paulo o Espírito nos inicia sacramentalmente em uma participação real na carne pneumatizada de Jesus Cristo. A descida da água, seguida da saída simboliza o co-sepultamento (cf. Rm 6,5) e a co-ressurreição (cf. Ef 2,6) em Cristo.

O homem velho morre e o homem novo renasce, além da metáfora de uma conversão moral, um homem ontologicamente diferente (cf. Rm 6, 1-11). A nova vida que nasce é uma vida de fé, amor e esperança (virtudes teológicas) em meio às crises da vida e as tensões da existência.

Então, pela ação do Espírito brota a primeira realidade: a “santidade”.<sup>103</sup> A espiritualidade paulina baseia-se na fé, não é individualista e isolada, para Paulo ninguém vive para si, ele foi um “homem da Igreja”, fortemente comprometido com a aclesialidade da fé, por isso sua espiritualidade é koinonia. Os cristãos estão constituídos no corpo único de Cristo, mediante a participação comum no único Espírito.

Cada um tem suas responsabilidades, mas o princípio fundamental da nossa união com Cristo ressuscitado nos reúne num só corpo, a Igreja. É necessariamente eclesial, pois o crente não pode viver sozinho, sem os outros, a sua união a Cristo.

Os dons são para todo o corpo, os carismas para solidificar a unidade e organicidade da sua ação (cf. Rm 12; 1Cor 12; Cl 2,9-19; Ef 4, 15).

O que mantém a koinonia é a amor (cf. 1Cor13) que tem no ágape e na ceia eucarística seus momentos de ápice. Por meio do espírito de comunhão,

Paulo compreende que, da mesma forma que Jesus torna visível o Deus misterioso, a Igreja, de forma sacramental e existencial, também se torna no seu cotidiano presente em Cristo e, pelo anúncio do Evangelho, comunica ao mundo o desígnio salvífico de Deus.

## **Espiritualidade Encarnada**

A encarnação da fé, da esperança e do amor frutos do Espírito de Cristo que vem ao nosso encontro é um traço original e essencial da identidade cristã. Somente dentro de uma história pessoal e coletiva pode se realizar a busca de Deus, o seguimento de Jesus e a vivência do Espírito.

A encarnação da espiritualidade compõe uma dimensão de toda a vida cristã, da mesma maneira como a condição humana é um dimensão que engloba a encarnação do Filho de Deus.

Deus é um “mistério”, ao fazer essa afirmação surgem às perguntas: “Ele pode ser conhecido e o que significa ser mistério?” Isso quer dizer que nunca esgotaremos o conhecimento de Deus. Nas relações entre seres humanos encontramos similaridades, pois somos um mistério uns para os outros, e até para nós mesmos. São muitos os aspectos da nossa vida pessoal a serem conhecidos a aprofundados, justamente porque o conhecimento é um processo.

Cada ser humano é ímpar, único, inigualável, um mistério. Por isso vamos conhecendo alguém a medida que se revela a nós com suas atitudes, ações, palavras, modo de ser, principalmente quanto estabelecemos relação, Segundo. O caminho da espiritualidade: visão atual da renovação cristã, com ele.

Para o cristão Deus não é um invenção muito criativa, ou ilusão. Ele é concreto. Existe de fato e se coloca próximo. Jesus Cristo é o ápice da sua revelação.

Ele retira o véu, faz visível e perceptível, desvela o mistério de Deus através da sua vida. Com o aprofundamento do grau de amizade com Jesus, na convivência com Jesus, no ato de conhecer, o mistério vai se revelando.

A experiência de Deus é vivida pelo ser humano em sua integralidade. Entretanto, desde o século II e III de nossa era a espiritualidade sofreu influência do pensamento denominado “gnosticismo”.

Essa filosofia separava o mundo material do mundo espiritual. O adepto valorizava o mundo espiritual e desprezava o mundo material, o gnóstico compreendia e dividia o ser humano em: corpo e alma, sendo a alma a única valorosa.<sup>115</sup> Santo Ireneu de Lião, no século II defendeu obstinadamente que o ser humano é integral, corpo e alma entram para a vida nova apresentada por Jesus.

A concepção bíblica de ser humano abrange um ser integral: corpo, alma e espírito, são aspectos entrelaçados e não partes separadas. O ser humano é carne-sarx o que indica o elemento biológico material. Através do corpo o ser entra em diálogo com a natureza e com os semelhantes.

O corpo humano foi a última obra da criação e “tudo o que Deus criou é bom” (Gn 1,31). O homem corporal é imagem e semelhança de Deus.

É alma, nefesh, na visão judaica não denota uma entidade espiritual e sim um ser vivo. Isso significa que o ser humano participa da vida que vem do Deus criador. E ainda é espírito, ruah, força que toma posse de todo o ser humano e o orienta para o Senhor.

A palavra hebraica significa sopro, pois na criação Deus soprou o Espírito no homem. Ele é vida dada por Deus e aponta para ele: “Então lahweh Deus modelou o homem com argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente” (Gn 2,7).

Atualmente ainda existem movimentos religiosos e linhas espirituais que exacerbam a valorização da alma e desvalorizam o corpo. O corpo é uma prisão, deve ser mortificado para salvar a alma.

Sintetizando a compreensão do termo Roûah: “No Antigo Testamento, Roûah lembra o feminino e tem o sentido físico de vento ou sopro. [...] Designa também o espírito do homem, no sentido psíquico do termo.

A presença divina do Espírito. [...] No novo Testamento, designa o sopro, o espírito de vida (Mt 27,50), mas também o homem em sua totalidade ou ainda o homem visto sob o aspecto de sua interioridade.”

A encarnação de Jesus é um dos temas centrais da espiritualidade da libertação. A encarnação se dá em Jesus. Ele é o modelo: Deus encarnado. Deus se fez carne em Jesus. Ao dizer que se fez humanidade concreta, estamos afirmando que assumiu tudo, tomou carne, sangue, sexo, raça, país, situação social, cultura, psicologia e biologia. Ele é plenamente humano, totalmente pessoa.

## **Espiritualidade do seguimento e da missão pelo Reino**

Se Deus se revelou única e plenamente em Jesus Cristo (cf. Hb 1, 1-13), só há um modo de buscar e encontrar a Deus: conhecendo e seguindo a Jesus Cristo.

A espiritualidade cristã tem no seguimento de Cristo a dimensão mais fundamental e original da sua identidade. Isso porque seguimos um Deus que assumiu a nossa condição humana, viveu nossas experiências e se entregou e sofreu por uma causa.

Esse homem, Jesus de Nazaré, semelhante a nós em tudo menos no pecado, é o único modelo da vida humana e cristã. Ser cristão é ser um seguidor de Jesus e a Igreja é a comunidade dos seguidores de Jesus. Agora somos um corpo histórico. Ele é o mestre: profeta e caminho. Não apenas proclama a verdade: é a verdade, por que a faz.

Não A vida como lugar do Evangelho se fundamenta no amor de Deus pela humanidade.

“O amor de Deus é aquela parte da Sua natureza que O move a doar-se a Si mesmo, em termos de afeição, e a manifestar Seu interesse em atitudes de cuidado e auto-sacrifício pelo objeto do Seu amor. O primeiro e principal objeto do amor de Deus é o Seu próprio Filho, Jesus Cristo (Mt. 3,17).

[...] Deus ama aquele que crê em Seu Filho com especial amor. Os que são unidos, mediante a fé em Jesus Cristo, são objetos especiais do amor divino. [...]

A humanidade inteira é objeto de amor de Deus. Ele o expressou enviando Seu Filho, a fim de redimi-la o amor divino é mais que misericordioso e compaixão; implica ação e identificação com o objeto do amor.”

As primeiras comunidades empenhavam esforços para viver a fé com obras, ouvir e praticar a palavra (cf. Tg 1,23-24). Questionavam-se:

***Meus irmãos se alguém disser que tem fé, mas não tem obras, que lhe aproveitará isso? Acaso a fé poderá salvá-lo? Se um irmão ou uma irmã não tiver o que vestir e lhe faltar o necessário para a subsistência de cada dia, e alguém dentre vós lhe disser: “Ide em paz, aquecei-vos e saciai-vos”, e não lhe der o necessário para a sua manutenção, que proveito haverá nisso? Assim também a fé, se não tiver obras, está morta em seu isolamento. (Cf. Tg 2, 14-17).***

O Jesus poderoso, milagroso e extraordinário ofusca o Jesus modelo histórico de seguimento, hábil para nos tornar plenamente homens e filhos de Deus.

## **Direção Espiritual e crescimento pessoal do ser humano**

Ao longo desta pesquisa tivemos a oportunidade de observar o ser humano no contexto atual, fortemente marcado pelo individualismo e por certa insensibilidade para com o outro, características observadas igualmente na experiência eclesial contemporânea.

Também fizemos considerações sobre a Direção Espiritual, sua história e seus métodos, procurando entender como ela pode auxiliar o ser humano em seu relacionamento pessoal com Deus.

Em seguida, por se tratar de uma dissertação que tem por base a Antropologia Teológica, voltamos o olhar para a questão do conceito de pessoa, nas Escrituras, no Magistério eclesiástico, no desenvolvimento teológico e em ciências afins. Neste capítulo, nos propomos a olhar para a realidade da Direção Espiritual como o eixo articulador das dimensões estudadas anteriormente.

Para tanto, nos deteremos nos seguintes pontos:

Primeiramente, observaremos em que modalidades a Direção Espiritual se desdobra na pastoral atual.

A seguir, refletiremos sobre a atitude da escuta, fundamental para o exercício da Direção Espiritual. Analisaremos como é possível compreender a Direção Espiritual como paternidade/maternidade espiritual.

E por último, consideraremos aquele que nos parece o ponto chave de toda essa reflexão: a Direção Espiritual como um movimento de educação para a alteridade. No segundo capítulo foram levantadas algumas perguntas sobre a validade ou a coerência da prática da Direção Espiritual em nossos dias. Sem a pretensão de esgotar o assunto, nos propomos a respondê-las, não de forma sistemática, mas contextual, de acordo com o desenvolvimento de nossa reflexão.

## **A Direção Espiritual hoje**

Diante do fato antropológico de que o ser humano precisa de auxílio para desenvolver suas potencialidades e seu ser pessoal, está clara para nós a necessidade da Direção Espiritual.

No entanto, a exiguidade da prática e a relativização do senso de comunidade empreendida pela modernidade líquida põem em xeque a validade da mesma. Em que medida a ajuda que a Direção Espiritual pode oferecer é bem-vinda, considerando a proclamação de autonomia do ser humano, tão defendida e propagada atualmente?

Buscando responder a esta pergunta, enumeraremos, a seguir, propostas de solução que atualizam o modelo tradicional da Direção Espiritual em formas que se adaptam às demandas que se apresentam à pastoral contemporânea.

Ter uma vida espiritual forte e estar sempre na presença de Deus pode ser um privilégio para todos, pois Deus nos dá condições para isso.

Mas se você é como eu deve enfrentar muitas dificuldades. Eu posso enumerar várias para você. Preguiça, por exemplo.

Falta de tempo, pois sempre acordo atrasado.

Não tem muitas novidades, pois já li e conheço as histórias. Parece que não ouço a Deus como outros dizem que o ouvem. Enfim, há inúmeras dificuldades.

Por outro lado, há também algumas estratégias que pode nos ajudar a nos manter firmes na comunhão com Deus.

É que quando isso acontece nós ficamos tão felizes, radiantes com tudo que começa a dar certo na nossa vida.

É claro, Deus é sábio e pode nos orientar e ao seguir Suas orientações, mudamos nossa maneira de pensar, de agir, de reagir.

E tudo isto vale mesmo a pena! Aqui vão algumas dicas que me ajudam e acho que servirão para você também.

## **5 dicas para melhorar sua vida espiritual**

**1.** Prioridade – Você deve priorizar estar em comunhão com Deus. Temos muitas coisas pra fazer durante o dia, por isso a primeira atividade do seu dia deve ser para Deus. Se deixar para depois, o dia vai terminar e você não terá tempo. Então priorize estar com Deus logo pela manhã, ainda que tenha que levantar um pouco mais cedo. É por isso que sua comunhão com Deus começa no dia anterior, no horário que você vai se deitar. Quando você deita cedo, acorda mais cedo para adorar ao Senhor. Coloque Deus como prioridade.

**2.** Sempre o mesmo lugar – Ter um lugar específico faz a diferença. Pois aquele lugar será uma referência de paz para você. A sua mente se acostumará com a ideia de que aquele lugar é um lugar especial e ali você vai começar a ouvir a voz de Deus. Escolha um lugar na sua casa, dentro ou fora. Um lugar calmo, tranquilo que você possa realmente ouvir a voz de Deus sem interrupções. Em meio a natureza, como Jesus, seria o ideal, mas nem sempre é possível. Então escolha o seu lugar de paz que pode ser na cozinha, na sala, na poltrona do quarto...

**3.** Comece orando – Tire um tempinho para orar. Fale com Deus. Abra seu coração para Ele. Você é imediatista, fecha os olhos, pensa que se passaram 10min e quando olha para o relógio nem completou 1? Para você conseguir gastar mais tempo orando estas atitudes podem ajudar.

a. Louvor – Comece louvando o nome de Deus. Diga pra Ele o quanto você o ama. O quanto Ele é grande. Exalte o nome dEle.

b. Agradecimento – Gaste um tempo agradecendo a Deus. Você pode ser específico, então vá com calma e agradeça por coisas simples e grandes.

c. Interseção – Neste momento você pode clamar a Deus por seus amigos, familiares ou necessidades mundiais.

Mas não seja rápido. Converse com Deus explicando cada necessidade que você gostaria que Ele atendesse. Ajude seus amigos, ore por eles.

d. Petição – Agora gaste tempo na conversa pedindo para você. Procure ser específico, não simplesmente peça, converse sobre sua necessidade, dê detalhes.

4. Leia a Bíblia – Ler a Bíblia é necessário para se ter comunhão com Deus. Depois de falar com Ele você também deve ouvi-lo. Há várias formas de ler a Bíblia e você pode criar a sua. Se quiser lê-la toda durante um ano é só você ler 3 capítulos por dia. Lendo 5 capítulos por dia você a lerá em 8 meses!

5. Medite – Se você apenas ler a Bíblia irá aprender histórias lindas e inspiradoras. Mas se gastar um tempo meditando, poderá ouvir a voz de Deus instruindo você. Por isso ao ler o texto bíblico pare um tempo e tente imaginar como aconteceu cada cena descrita ali. Imagine os detalhes, o tom da voz, o que havia no ambiente.

Quanto mais detalhes você tiver em mente, mais você conseguirá criar a situação na qual a história aconteceu. Depois disso você começa a pedir para Deus que lição Ele quer te ensinar com aquela mensagem e comece a tirar lição. Ao fazer isso Ele trará à sua mente as lições que você precisa aprender.

Ter uma vida de comunhão com Deus é um batalha diária. Todos os dias você terá que enfrentar um desafio para parar e se comunicar com Deus. Mas é uma vitória a cada dia que o tornará forte cada vez mais forte. Os grandes homens que você admira, enfrentam essa batalha todos os dias também. Mas todos podemos sair vitoriosos nesta guerra espiritual.

Se quiser uma sugestão para começar, o livro de Marcos é onde Jesus aparece mais ativo. Comece por Ele e aprenda com o Mestre maravilhoso que te ama e quer ver você feliz!

**FIM**